

O processo de formação das comunas: primórdios da educação do homem burguês

Regina Maria Zanatta

Departamento de Fundamentos da Educação, Universidade Estadual de Maringá, Av. Colombo, 5790, 87020-900, Maringá, Paraná, Brasil. e-mail: rmzanatta@wnet.com.br

RESUMO. O objetivo deste estudo foi verificar como, nos séculos XI e XII, as comunas vão se instituindo e como os processos educativos acompanham a formação do homem burguês. O método histórico caracteriza essa pesquisa bibliográfica que privilegia, também, a literatura, considerando-a como uma dimensão da história e da educação, na qual se pode vislumbrar a ação dos homens na trama do movimento social. Esse estudo nos revelou que na configuração de uma nova figura social se institui, também, um comportamento que lhe corresponde e tem como sustentação um novo princípio educativo. A importância desta pesquisa reside na possibilidade de reconstruir historicamente a educação informal do homem burguês.

Palavras-chave: história, educação, Idade Média, comunas, homem burguês, literatura medieval.

ABSTRACT. The formation of the communes: the beginnings of bourgeois education. The establishment of the communes in the 11th and 12th centuries and the manner the educational process followed the formation of the bourgeoisie are provided. The historical method underlies the bibliographical research that enhances literature. Since literature is seen as an aspect of history and of education, human activity is analyzed within the social movement. In the outlining of a new social shape, a corresponding type of behavior is constituted and a new educational principle established. The importance of the research lies in the possibility of historically rebuilding the informal education of the bourgeoisie.

Key words: history, education, Middle Ages, communes, bourgeoisie, medieval literature.

O trabalho aqui apresentado não pretende abranger uma investigação que coloque em confronto controvérsias entre eruditos, historiadores e educadores a respeito da formação das Comunas durante os séculos XI e XII. Ele tem como objetivo apenas esboçar um estudo de como os processos educativos se formam, ou se transformam, em determinados períodos históricos. O estudo da formação do homem burguês, com a emergência educativa que lhe é inerente, viabiliza essa compreensão. Procura-se demonstrar como essa trans/formação educativa vai se incorporando ao comportamento dos homens do burgo, como parte integrante da própria produção da sua existência.

O processo educativo que permeia o período da Idade Média, tem preocupado os pesquisadores que atuam na área da Educação, nos cursos de graduação, quanto ao conteúdo a ser privilegiado e ao método de ensino correspondente. Essa preocupação tem

instigado esses estudiosos a buscar uma revisão bibliográfica sobre o período, utilizando fontes primárias convencionais e não convencionais, bem como realizando um confronto com as secundárias.

O trabalho aqui enfatizado não se propõe a uma abrangência de ordem conclusiva, a intenção é a de observar e analisar fontes bibliográficas primárias e secundárias, buscando reconhecer, na formação do homem burguês, o princípio educativo que vai caracterizando o seu comportamento. Na consulta às fontes considera-se relevante compreender as contradições que os autores expõem, pois, a partir delas, podemos entender e reconstituir os processos históricos de luta dos homens e reconhecer as necessidades e interesses produzidos naquela dinâmica social.

Para a organização da pesquisa levou-se em consideração dois eixos básicos: em primeiro lugar, buscou-se compreender que a origem e a formação

do homem burguês emerge do seio da sociedade feudal e está intrinsecamente vinculada à organização das cidades e das comunas. Paralelamente a essa formação, na dinâmica daquelas relações sociais, pode-se observar que um princípio educativo se impõe para organizar e salvaguardar a própria existência desses homens.

Materiais e métodos

A pesquisa se fundamenta em autores e documentos dos séculos XI e XII, produzidos na região Ocidental, território da França. Fontes primárias não convencionais foram utilizadas, como: *Le Roman de Renart*, considerada primeira sátira burguesa, escrita de 1171 a 1250, por diversos autores, e *Romances da Távola Redonda*, primeiro romance cortês, escrito por Chrétien de Troyes, em 1162, ambas obras pertencentes à literatura francesa.

Restringimos a nossa leitura às partes mais antigas do *Le Roman de Renart*, atribuídas ao autor Pierre de Saint-Cloud. Essa obra satiriza a vida cavaleiresca do período, colocando em destaque os comportamentos arbitrários dos nobres em relação aos camponeses e burgueses. Os personagens, apresentados nessa narrativa, incorporam a figura de animais, liberando o autor para revelações mais amplas e menos tensas sobre o movimento social.

Os *Romances da Távola Redonda* abordam as aventuras cortesãs dos cavaleiros, demonstram a força e o valor do rei Artur quando, no período do autor, o poder real apresenta-se enfraquecido por conflitos enfrentados com a igreja, na disputa do poder de investidura, e pelo fortalecimento dos senhores feudais que se tornam ameaçadores. Essa obra expressa, também, o momento de redefinição do comportamento do cavaleiro feudal, quando é obrigado a assumir funções que ultrapassam as de guerreiros, transforma-se no nobre cavaleiro da corte, provando sua honra e glória através de aventuras e torneios, o que, anteriormente, estava restrito aos campos de batalha.

Essa transformação do cavaleiro acentua-se no intervalo crescente entre guerras de invasões e a indecisão freqüente dos ataques entre senhores feudais, quando o trabalho dos cavaleiros torna-se menos intenso, deixando-os por longo tempo ociosos. Em vista disso, empregavam o tempo de forma diferente: “Uns pastoreavam pelas ruas gaviões e falcões de muda. Outros puxavam terços e açores [ave de rapina, semelhante ao gavião, menor que a águia]. Outros ainda lançavam a moeda ou o dado, jogavam xadrez ou damas. Diante dos estábulos, os rapazes esfregavam e almofaçavam os cavalos” (Troyes, 1991:37). Ainda assim, mesmo

desfrutando de outras atividades, os cavaleiros inibidos da ação guerreira, razão principal da sua existência, não conseguem deixar de demonstrar as suas características belicosas, por isso saqueiam e queimam as igrejas, roubam os monges, os camponeses e os mercadores. A violência dessa classe, expondo qualquer um ao perigo de assaltos, precisa ser refreada por um novo comportamento. Inicia-se um processo educativo para bloquear o espírito beligerante do cavaleiro, que é encaminhado por todas as instituições, eclesíásticas, jurídicas, políticas... e pela literatura. O cavaleiro passa a proteger as damas, a igreja, os monges e faz pactos de paz para não perturbar a organização cidadina. A importância desses tratados de paz foi registrada pelo monge Raul Gliber (985-1050), mencionando que:

[...] dizia respeito à conservação de uma paz inviolável que deveria permitir aos homens de todas as condições, quaisquer que fossem as ameaças a que anteriormente houvessem sido expostos, viajar sem medo e sem armas. O bandido ou assaltante que invadisse a propriedade alheia devia ser submetido ao rigor das leis e condenado sem piedade ou ao confisco dos bens ou apenas corpóreas (apud Espinosa, 1981:287).

O exame das fontes primárias mencionadas, as quais refletem aspectos da dinâmica social da época em foco, e a bibliografia de fonte secundária dão aporte ao tema central. Essas fontes, no confronto de acontecimentos, permitem maiores possibilidades de esclarecimentos sobre o período, uma vez que a literatura apresentada é considerada como de tradição oral e/ou de ficção.

A investigação seguiu o método de análise histórica, procedendo a um exame especificamente teórico que procura explicitar o processo de formação e transformação da educação informal do homem burguês, durante os séculos XI e XII, concomitantemente à formação das Comunas.

Resultados e discussão

O homem burguês tem sua origem na Idade Média, anterior ao século XI, mas sua feição torna-se nítida apenas nesse século, quando a vida comercial na Europa toma grande impulso, ocasionando um sistema de trocas intenso e de certa regularização, inexistente em séculos anteriores. Por conta dessa regularização, acopla-se a necessidade de expansão, de busca de mercadorias variadas, em localidades, também, diferenciadas. A linha de horizonte desse mercado começa a se ampliar com a criação de um mecanismo de interpostos internacionais, nos quais a troca, a compra e a venda cada vez mais se incorporam e definem o comportamento do

mercador, ao mesmo tempo em que aguçam o desejo dos senhores feudais de adquirir objetos que extrapolam a essência da utilização.

Esse momento pode ser traduzido como de muita angústia, pois novos valores desbancam costumes enraizados há mais de sete séculos. A simplicidade ou, até mesmo, a rusticidade, que fazia parte dos procedimentos vividos pelos homens, começa a ceder lugar à luxuosidade. Assim, o luxo e os prazeres da vaidade tornam-se lentamente bens necessários à vida. Parece algo fácil de ser assimilado, quando se analisa essa transformação com o olhar da época atual, mas, ao embeber esse olhar na essência pela qual tomou forma aqueles sentimentos humanos, pode-se, então, compreender o quão difícil é assumir novos padrões de comportamentos.

Essa metamorfose, provocando uma forma diferenciada de interpretar os bens materiais, atinge as diversas instituições feudais, ocasionando reações que ora apontam favoravelmente para o seu pleno desenvolvimento, ora para a sua negação. Sem alterar o modo de produção feudal, instala-se uma nova forma de interpretação e percepção de vida dos homens.

Assim, no limiar do desenvolvimento da subsistência do homem feudal, extraída do campo, quando o desconforto e a opressão das guerras cedem lugar a intervalos maiores de paz, é que a possibilidade de produção excede às necessidades e as cidades dão mostras de vigor. A partir dessa consideração, entende-se que a cidade tem seu ponto inicial de sustentação quando usufrui do excesso produzido no campo, ou seja, a subsistência para além da necessidade é o pressuposto da comodidade e do luxo que, aos poucos, vai perturbando o pensamento do mais puro cristão.

O gosto extravagante pelos objetos, pelas pinturas penetra em todos os setores, inclusive na igreja, quando o claustro é invadido por pinturas impregnadas dessa nova dinâmica, apresentando formas e cores diversas, tomando de assalto o espírito dos monges, desvirtuando o seu pensamento, alterando a sua tão treinada meditação, como nos revela Bernardo de Claraval, entre 1122 e 1125, através de uma carta que escreve para Guilherme, abade de Saint Thierry (*apud* Espinosa, 1981).

Ainda São Bernardo, manifestando indignação quanto a essa invasão perniciosa, condena a decoração abundante dos monastérios consagrados à vida espiritual, considerando-a indecente e irracional. “En nuestros claustros, ante nuestros hermanos consagrados à la lectura, que hacen esos monstruos ridículos, esas bellezas deformes y esas

bellas deformaciones ?” (*apud* Hauteceur, 1965:619). Essa condenação de São Bernardo resvala nas influências que o mundo Ocidental recebia da cultura do mundo Oriental, divulgada pelo movimento das cruzadas em geral e, principalmente, pelos mercadores.

Essa influência não permitia que os conselhos de São Bernardo fossem ouvidos quando fazia apelo à razão e à natureza das coisas, quando pregava que o uso das formas simples, mais econômicas, mais cômodas, nas edificações dos monastérios, permitiriam o abrir das janelas para dar luz suficiente à importante leitura dos irmãos. Ao mesmo tempo, a máxima cristã consagrada e divulgada pelos padres: “Es preciso aprender de Jesús a contemplar no las cosas visibles, sino las invisibles, porque las cosas visibles son pasajeras, mientras que las invisibles son eternas” (*apud* Hauteceur, 1965:620), cada vez mais, afasta-se do pensamento dos homens, impondo a sua inversão. As coisas visíveis, as coisas materiais provocam um sentimento contraditório de desejo e de necessidade consciente da sua negação.

É uma mudança lenta e silenciosa que se opera no pensamento dos homens, que atinge a todos os que entram em contato com o mundo urbano, seja através do mercador itinerante, seja através das feiras, ou mesmo no interior das igrejas quando se apreciam as novidades arquitetônicas. O princípio vital da constituição da sociedade feudal, impregnado em todas as coisas, nos costumes, no pensamento, nas ações, quando a metamorfose o atinge, perde força para os princípios que se manifestam na forma econômica, obrigando-os a reflexões e observações mais profundas sobre a própria vida material.

A vida material que consistia no desprezo e desprendimento dos bens, com o desenvolvimento dos burgos, que se constituem, muitas vezes, em cidades, e têm como um dos seus princípios geradores o crescimento da produção do campo, é golpeada lentamente por um sentimento de apego.

É diante desse movimento que ocorre o choque entre os costumes tradicionais e estritamente camponeses e o desenvolvimento do comércio nas cidades, o qual nem sempre pode realizar-se com a produção apenas dos seus arredores, ou seja, com a produção dos campos mais próximos. Por esse motivo, os territórios distantes tornavam-se fonte de abastecimento para os mercadores e poderiam ocasionar, juntamente com a produção da proximidade, diferentes graus de desenvolvimento nas cidades dos séculos XI e XII.

Uma busca lenta e contínua de diferentes mercadorias exigia a abertura de melhores caminhos

terrestres e, ao mesmo tempo, a exploração mais intensa dos rios navegáveis (Le Goff, 1991). Essas exigências, quando postas, não ganham pronto atendimento na expansão dos caminhos, mas firmase uma estrutura que dá passagem aos mercadores que se lançam em aventuras, que incursam pelas rotas, desafiando os mais diversos perigos, contando com os lucros que poderiam adquirir (Heers, 1988). Essa busca se intensificava à medida em que o temor dos assaltos e das invasões diminuía. Nesse sentido, estava dado o princípio do crescimento e da multiplicação das cidades, bem como do desenvolvimento de técnicas agrícolas e de novas atividades industriais, principalmente, a têxtil.

Inúmeras passagens dos *Romances da Távola Redonda* (Troyes, 1991) descrevem a riqueza, a luxúria das vestes das damazelas e dos cavaleiros feudais, dos mantos de seda e de outros tecidos com coloridos diversos, anunciando a possibilidade e o avanço da produção têxtil. As qualidades do cavaleiro Eric são descritas a partir da exuberância das suas vestimentas: “Que direi de suas qualidades? Airos sobre o corcel, vestia manto de arminho, cota nobre de seda jaspeada de Constantinopla, perneiras de seda brocadas.” E a beleza da donzela Enide é destacada pela rica roupagem:

A serva traz prontamente o manto e a túnica, que até nas mangas era forrada de branco arminho. No punho e no decote haviam utilizado mais de meio marco de ouro batido e pedras de grande valor: azuis, verdes, violeta e sêpia. A túnica era de grande riqueza. Não menos valia o manto de tecido fino, tendo ao pescoço duas zibelinas com presilhas que pesavam cada qual pelo menos uma onça.

O rei esbanjando cortesia, através dos presentes que distribui aos convidados, alia a dádiva ao bom gosto e expõe a produção têxtil mais sofisticada do período: “O rei deu com muita largueza. Não deu mantos de sarja nem de coelho ou estamena mas de samito e de arminho fulvo, de veiro e de seda jaspeada, com orlas de franjas espessas e pesadas (op. cit. 43; 69).

A declaração dessa riqueza não se evidencia antes do século XI, assim como as cidades não se diferenciavam muito das vilas quando seus habitantes, artesãos e domésticos, trabalhavam para o senhor feudal, que era o dono da cidade ou burgo, nas mesmas condições que os servos da gleba. Enquanto as matérias primas trabalhadas pelos artesãos nas cidades e a alimentação eram trazidas dos domínios do senhor e satisfiziam quase todas as suas necessidades, pouco se adquiria de fora dos burgos, comprava-se apenas uns poucos objetos de luxo que eram trazidos do Oriente (Ponce, 1991).

No momento em que o dinheiro entra em circulação e o senhor feudal permite que seus artesãos trabalhem para terceiros com retribuição monetária, permite também que os castelos recebam outras mercadorias. O que antes era apenas um castelo fortalecido com um grupo pequeno de habitantes cede lugar a grandes centros de comércio, local onde produtores diversos trocam seus produtos.

Diante desse quadro, tem origem a nova classe social que vai se impondo e se fortalecendo na medida em que as transformações econômicas abalam as bases do sistema feudal. O aumento de habitantes nas cidades torna-se inevitável e a concentração dos burgueses em associações uma necessidade. A união em associações era marcada pelas lutas que encetavam contra os senhores feudais, contra os cavaleiros, com o objetivo contraditório de organizar pacificamente o espaço urbano. Essa classe diferenciava-se das demais: dos guerreiros - nobres cavaleiros, dos camponeses e dos eclesiásticos.

A necessidade da organização dos burgos se intensifica na tentativa de preservação da sua produção material, quando os nobres atacam os mercadores, saqueando e incendiando seus locais de trabalho. Essa ameaça, que se torna constante, impulsiona os burgueses a uniões fortalecidas por juramentos ou contratos de fidelidade e lealdade, procedimento que não foge ao fundamento básico da sociedade feudal, em que a ajuda recíproca era sinônimo de sobrevivência, mas que não se identifica com os contratos de vassalagem. O compromisso de auxílio e de amizade, como peça mestra do feudalismo, ligava um súdito a um superior. Nas comunas, ligam-se homens iguais para estabelecer uma relação de força coletiva (Bloch, 1998:372).

A união ou associação que dá origem às Comunas permite que o trabalho artesanal da lã, da madeira e do fabrico dos tecidos, desenvolva-se cada vez com melhor qualidade, criando certa diversificação na tecelagem, através das técnicas de tingimentos e do conhecimento secreto da corporação, restrito a poucos, que se aprimorava em razão da elevação geral do nível de vida (Duby, 1998:43). A corporação não tinha permissão para ensinar o segredo da mistura das tintas como Renart, a astuta raposa, que personifica um cavaleiro nobre, um barão, na sátira burguesa, e promete ao vilão, na tentativa de desvencilhar-se da surra que poderia levar, ao ser descoberto dentro da cuba de tinta.

“Cher seigneur, ne me frappez pas! Je suis une bête de ta corporation et je peux, pour cette raison, l'être

fort utile. Au prix défforts épuisants et répétés, je suis devenu beaucoup plus savant que toi. Je pense pouvoir l'apprendre le secret du mélange de teinture et de cendre car tu ignores comment le faire.” (Le Roman de Renart, 1985:159).

O disfarce de tintureiro de Renart torna patente a importância do domínio secreto das misturas das tintas, expressando na literatura a face política da corporação. Essa representação política se fazia sentir principalmente na região de Flandres, onde os maiores produtores de tecidos, oriundos de Ypres, Gand, Bruges, Lille e Douai, tinham assegurado, nos mercados, um lugar de destaque.

Inúmeras cidades instalam suas feiras para vender suas mercadorias: Troyes, Provins, Bar sur Aube Lagny, riquezas que são resguardadas dentro de fortes muralhas, demonstrando que as transformações não se manifestam apenas no comportamento dos homens, mas na organização do espaço em que produzem a sua existência. Assim, técnicas inovadoras suplantam as tradicionais no fabrico dos tecidos e, também, na construção das fortalezas, tornando-as cada vez mais invioláveis para defesa da produção material.

A criação de empregos junto aos tecelões, tintureiros, curtidores, carpinteiros, vidraceiros, pedreiros, era progressiva, mas não atendia à demanda de trabalhadores que afluíam à cidade, oriundos do campo, por isso muitos permaneciam marginalizados, sem trabalho, vivendo da caridade.

Esse movimento de migração do campo para a cidade é um movimento geral que atinge toda a Europa, contribuindo para o nascimento das Comunas em lugares diversos. É através dessa dinâmica que se percebem as transformações que estão ocorrendo no mundo feudal, anunciando a formação e a educação necessária ao homem burguês. Essa educação não tinha caráter institucional, não se configurava como educação sistematizada, era apenas uma educação informal, tecida na mesma trama do desenvolvimento dessa classe.

O crescimento e desenvolvimento de algumas Comunas ocorre de forma rápida, algumas chegam a ter milhares de habitantes. Em vista disso, a necessidade de estabelecer leis é sentida, na medida em que o grupo citatino organiza suas atividades administrativamente e as regras impostas pelo comércio precisam ser sistematizadas. Medidas que antes não seguiam normas, passam a ter critérios como as de alqueire; de pesos: balanças e cântaros; bem como os encargos e impostos cobrados. Nesse sentido, ao mesmo tempo em que o comércio se organiza, impõe também determinados

conhecimentos aos homens do burgo, que não se satisfazem mais com os rudes conhecimentos de troca, precisam conhecer além da equivalência.

O período que se caracteriza por grande desenvolvimento econômico e efervescência política e cultural é mesclado por uma profusão de violentas perturbações internas em que os senhores feudais desafiavam a autoridade real, indício de que o prestígio real estava limitado pelo poder dos grandes senhores. A falta de punição à violência do barão Renart, narrada na sátira em forma de safadezas maléficas, julgadas através de processos jurídicos, (*Le Roman de Renart*, 1985), demonstra como os comportamentos dos cavaleiros desviados das práticas que lhes deram origem, de defender a população nas guerras, põe em discussão as leis que não conseguem mais atender à demanda de problemas que surgiam com as transformações e, conseqüentemente, afrouxavam a autoridade real. Nesse sentido, para o fortalecimento das classes, mesmo antagônicas nos princípios, restava o recurso da união por identificarem-se pelo interesse de preservação. Assim, manifestações de violência aproximam a igreja e a burguesia da monarquia, constituindo até mesmo um bom relacionamento entre o rei Luís VI (1108-1137) e as comunas do século XII. Conforme o relato de Orderico Vital (séc. XII), “Luís para reprimir a tirania e o banditismo dos barões sediciosos, pediu, em toda a França, a assistência dos bispos; então a comuna popular foi estabelecida a fim de que, conduzida por seus sacerdotes, levasse as bandeiras em auxílio do rei nos assédios e combates” (apud Giordani, 1997:144). Essa aproximação do rei com uma classe desprivilegiada, do ponto de vista dos senhores feudais, é motivo de censura em *Le Roman de Renart* (1985), quando Renart menciona a deslealdade do rei ao confiar em ladrões mal-fazejos, na vil gentalha e a desprezar e desamparar seus barões:

A présent, les jaloux qui cherchent à se venger de moi ont si bien fait que vous m'avez condamné injustement. Mais dès l'instant, sire, qu'un roi commence à placer sa confiance dans les fripons malfaisants et à délaisser ses bons barons, dès qu'il abandonne l'élite pour la racaille, alors son royaume court à sa perte car les êtres d'origine servile sont incapables de modération. (1985:105)

A classe dos burgueses, essencialmente, vivia de trocas, retirando sua sobrevivência da diferença entre o preço da compra e o da venda, ou do recebimento a mais dos empréstimos que fazia. Esse lucro obtido não era diretamente retirado do trabalho, por isso sua natureza era condenada pelos clérigos e pelos cavaleiros, era antagônico aos costumes morais do período.

No entanto, o antagonismo entre essa ou outra classe pode, momentaneamente aproximá-las, como na união da monarquia com a burguesia ou até mesmo com a igreja, porque está manifesto um interesse recíproco para combater a violência dos cavaleiros. Nesse sentido, os burgueses precisavam de conhecimentos que eram restritos aos guerreiros, precisavam conhecer o mínimo de tática ou estratégias de guerra, bem como o combate direto para enfrentar as milícias dos senhores feudais. Por isso a associação de uma classe com outra, ou seja, da burguesia com a monarquia, no século XII, cada vez mais se fortalece e toma impulso sob o reinado de Luís VII (1137-1180), através de alianças: “[...] ele concede ou confirma cartas de franquias, encoraja a formação de comunas nos domínios eclesiásticos e a idéia segundo a qual as cidades episcopais em que haviam comunas são cidades reais é-lhe expressamente atribuída” (Petit-Dutaillis apud Giordani, 1997:146).

A classe dos burgueses, durante o reinado de Filipe Augusto (1180-1223), torna evidente seu crescimento quando, através de um documento datado de 1190, são citados seis burgueses de Paris como auxiliares da alta administração. A partir daí, tem início a colaboração política, no governo, da burguesia de Paris e das demais cidades do reino (Giordani, 1997:148).

Esses acontecimentos enfrentados de forma “natural” pelas comunas instiga seus componentes em busca de conhecimentos que extrapolam as necessidades da produção artesanal ou industrial. Vincula-se, dessa maneira, a educação à produção da vida.

A educação necessária a esses homens diversifica-se em conteúdos e dimensiona-se na proporção da sua expansão: defendem a comuna como guerreiros, administram-na politicamente; ensinam os aprendizes nos ofícios; criam medidas e padrões de qualidade para suas mercadorias; nas viagens, utilizam conhecimentos de astronomia; na compra e venda de mercadorias, demonstram conhecimentos de aritmética; nos empréstimos, calculam juros; na passagem por regiões de línguas diferentes da sua, dominam outros idiomas; nas relações comerciais, demonstram domínio de argumentos; nos contratos em que assumem compromissos, exigem contrapartidas, reivindicam privilégios, negociam cartas de franquias, procurando liberar impostos e conquistar o direito de ir e vir. Com essa diversidade de conhecimentos, características educativas para essa figura social se definem, exigindo comportamentos que se diferenciam dos rústicos campestres, dos cavaleiros que precisam demonstrar honra e cortesia, e dos eclesiásticos, que buscam

tesouros na glória de Deus. Isso imprime-lhes uma forma própria de ser.

Assim, as transformações nas relações sociais, cercando o mundo feudal, repercutem na educação, culminando com a criação das primeiras corporações de estudos sistematizados, diferenciando-se das escolas anteriores, monásticas e catedráticas, no conteúdo, e franquiando aos burgueses a outorga do domínio intelectual nas *universitas*.

Compreende-se, dessa maneira, que o princípio educativo que configura o comportamento do burguês origina-se na própria formação desse homem, durante os séculos XI e XII. Portanto, é no desenvolvimento da sociedade feudal que suas características são forjadas, ao produzir sua existência, ao entrelaçar-se ou entrecostar-se com as demais classes. E é nas comunas por ele criadas, ganhando espaço de centros urbanos, que ocorre o seu crescimento e sua expansão como nova figura social, cujos interesses se diferenciam das demais classes, instigando perspectivas novas de interpretação e de produção do mundo material e que fazem par com necessidades de comportamentos e conhecimentos antes não exigidos.

Referências

- BLOCH, M. *A sociedade feudal*. 2. ed. Lisboa: Edições 70, 1998.
- DUBY, G. *Ano 1000, ano 2000: na pista de nossos medos*. Tradução: Eugênio Michel da Silva, Maria Regina Lucena Borges-Osório. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- ESPINOSA, F. *Antologia de textos históricos medievais*. 3. ed. Lisboa: Sá da Costa, 1981.
- GIORDANI, M.C. *História do mundo feudal I: acontecimentos políticos*. 3. ed. Petrópolis: Vozes, 1997.
- HAUTECOEUR, L. *Historia del arte*. Madrid: Guadarrama, 1965.
- HEERS, J. *História Medieval*. 5. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1988.
- IDADE média na França (987- 1460): de Hugo Capeto a Joana d'Arc. Tradução: Clóvis Marques. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1992.
- LE GOFF, J. *Mercadores e banqueiros da Idade Média*. São Paulo: Martins Fontes, 1991.
- LE ROMAN de R. Traduit: J. Deufournet. Paris: Flammarion, 1985. 2v.
- PONCE, A. *Educação e luta de classes*. 11. ed. São Paulo: Autores Associados, 1991.
- TROYES, C. de. *Romances da Távola Redonda*. Tradução: Rosemary Costhek Abílio. São Paulo: Martins Fontes, 1991.

Received on November 29, 2000.

Accepted on January 25, 2001.